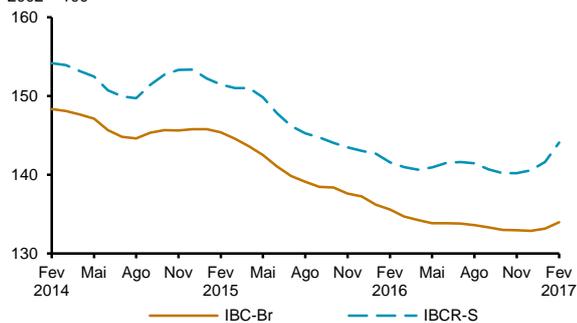


**Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul**

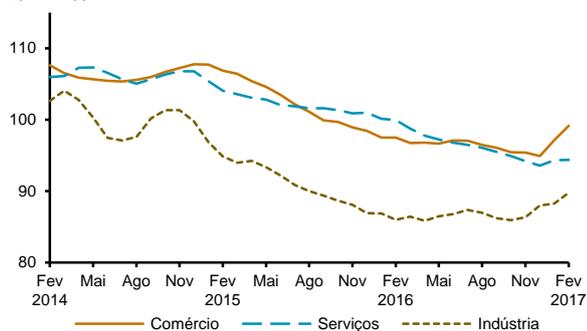
Dados dessazonalizados - Média móvel trimestral  
2002 = 100



A atividade no Sul do país mostrou sinais de reação significativa no início deste ano, em grande parte influenciada pelos desempenhos agrícola e industrial favoráveis, com desdobramentos positivos nos demais setores. Nesse contexto, o IBCR-S registrou, na margem, variações respectivas de 2,8% e -0,9% nos trimestres encerrados em fevereiro e em novembro, segundo dados dessazonalizados. Não obstante o crescimento do IBCR-S, indicadores setoriais apresentaram resultados mistos no mesmo período, sugerindo gradualismo na retomada da economia. O aumento das vendas do comércio contrastou com a continuidade da distensão do mercado de trabalho; e a forte ampliação da produção industrial, pelo lado da oferta, não se traduziu em crescimento do crédito às empresas.

**Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria - Sul**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2012 = 100

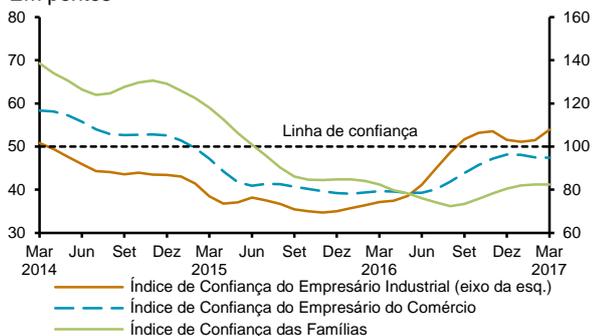


Fonte: IBGE

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado avançaram 3,9% no trimestre encerrado em fevereiro, ante recuo de 1,5% no finalizado em novembro, destacando-se as altas nos segmentos de tecidos, vestuário e calçados, combustíveis e lubrificantes, e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação. Excluídas as vendas de veículos e de material de construção, o comércio varejista manteve o resultado positivo de 3,9% no trimestre. As expectativas dos consumidores seguem favoráveis, com o ICF, elaborado pela CNC, totalizando 82,3 pontos no primeiro trimestre, ainda abaixo dos 100 pontos que indicam neutralidade, mas elevando-se 1,8 ponto na margem e mantendo-se estável na comparação interanual.

**Gráfico 5.3 – Confiança dos agentes – Sul**

Em pontos

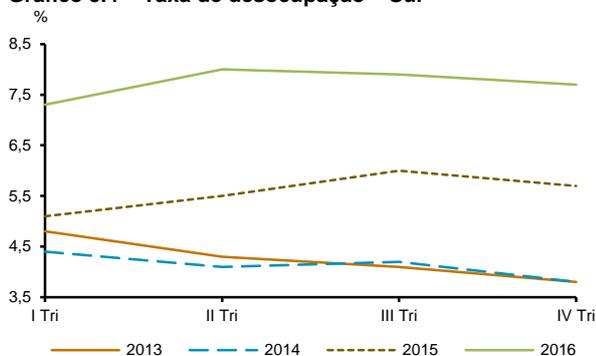


Fontes: CNI e CNC

A confiança dos empresários do comércio, medida pelo Icec da CNC, atingiu 94,8 pontos no primeiro trimestre do ano, ante 96,2 pontos no último de 2016. Apesar do ligeiro recuo no trimestre, cabe destacar a recuperação dos indicadores das condições atuais, pelo quarto trimestre consecutivo, favorecidos nos últimos períodos pelas reduções da inflação e da taxa de juros, bem como pelo início da liberação de recursos de contas inativas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

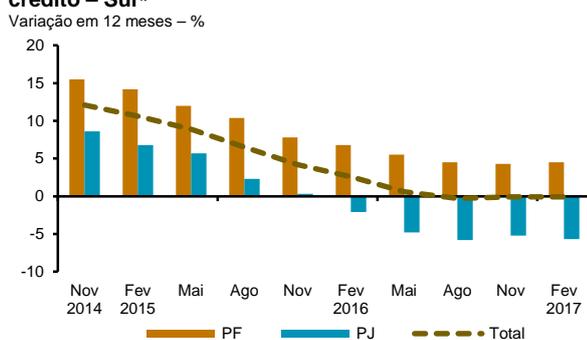
O setor de serviços indica possível início do processo de retomada da atividade. O volume de serviços não financeiros prestados no Sul avançou 0,2% no trimestre encerrado em fevereiro, após contração de 2,0% no trimestre anterior.

**Gráfico 5.4 – Taxa de desocupação – Sul**



Fonte: IBGE (PNADC)

**Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul<sup>1/</sup>**



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

**Tabela 5.1 – Produção agrícola – Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		Variação % 2017/2016
		Produção <sup>2/</sup> 2016	2017	
Grãos	73,1	73 032	83 082	13,8
Soja	45,3	35 170	38 825	10,4
Milho	11,9	20 984	27 193	29,6
Arroz (em casca)	9,3	8 662	9 805	13,2
Trigo	3,6	6 141	5 163	-15,9
Feijão	2,5	811	1 046	29,0
Outras lavouras				
Fumo	7,8	668	853	27,7
Cana-de-açúcar	3,7	50 877	52 137	2,5
Mandioca	2,7	5 238	4 277	-18,3
Maçã	1,7	1 056	1 238	17,2
Uva	1,5	513	1 009	96,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2017.

A trajetória do mercado de trabalho sugere, na margem, arrefecimento do processo de distensão. Nesse sentido, de acordo com o Caged/MT, reduziu-se a perda de postos formais na região no trimestre encerrado em fevereiro (25,7 mil ante 90,1 mil em igual período de 2016). Esse movimento implicou menor retração no nível de emprego formal no período, -0,1%, após -0,3% no trimestre finalizado em novembro, dados dessazonalizados.

Considerando dados da PNADC, a taxa de desocupação passou de 7,9% no trimestre finalizado em setembro, para 7,7% no trimestre até dezembro, repercutindo elevações de 0,7% na PEA e de 0,9% na população ocupada. Essa melhora condicionou os aumentos de 2,0% na massa salarial real e de 1,1% no rendimento médio habitual real na avaliação trimestral.

O mercado de crédito segue reagindo na margem, com crescimento no estoque de operações e estabilidade da taxa de inadimplência. O total dos empréstimos na região atingiu R\$549,7 bilhões<sup>1</sup> em fevereiro, com variações de 0,2% no trimestre e de -0,1% em doze meses. A alta refletiu a carteira de crédito de pessoas físicas, que cresceu 1,6% no trimestre, sobressaindo o dinamismo dos financiamentos imobiliários e os rurais. A carteira de pessoas jurídicas recuou 1,5%, impactada pelos menores saldos das operações da indústria metalúrgica e transporte rodoviário e de carga.

No âmbito da oferta, a agricultura apresenta indicadores significativamente positivos, que tendem a favorecer o desempenho da indústria, seja pelo aumento da demanda em função da elevação da renda agrícola, seja pelo encadeamento no processo produtivo.

A safra de grãos no Sul está estimada em 83,1 milhões de toneladas, conforme LSPA de março do IBGE (36,1% da produção nacional), representando aumento de 13,8% em relação à de 2016, com destaque para os incrementos expressivos nas colheitas de soja, milho, arroz e feijão. Entre outras lavouras, destaca-se, ainda, o aumento da produção

1/ Consideram-se operações acima de R\$ 1 mil

**Tabela 5.2 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões		
	Sul		Var. %
	2016	2017	
Total	7 762	9 246	19,1
Básicos	3 664	4 232	15,5
Industrializados	4 099	5 014	22,3
Semimanufaturados	713	841	18,0
Manufaturados <sup>1/</sup>	3 386	4 173	23,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 5.3 – Importação por grandes categorias econômicas - FOB**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões		
	Sul		Var. %
	2016	2017	
Total	6 537	7 754	18,6
Bens de capital	1 017	922	-9,4
Bens Intermediários	3 991	4 950	24,0
Bens de consumo	1 051	1 243	18,3
Duráveis	238	348	46,2
Automóveis de passageiros	143	216	51,0
Semiduráveis e não duráveis	814	895	10,0
Combustíveis e lubrificantes	478	639	33,7
Petróleo	358	194	-45,8
Demais	120	445	270,8
Bens não especificados	0	0	-

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul<sup>1/</sup>**

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	
		2015	Nominal	Outros <sup>4/</sup>	2016	
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Dez	
Total	100 214	-1 461	10 371	8 910	-3 164	105 960
Gov. estad.	99 952	-1 378	10 272	8 894	-3 184	105 662
Capitais	1 518	- 159	70	- 90	161	1 589
Demais municípios	-1 256	76	29	105	- 140	-1 292

1/ Inclui inform. dos governos estaduais e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

2/ Considerado o IGP-DI como deflator.

3/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

de fumo (27,7%), lavoura que detém a quarta posição entre as mais relevantes economicamente na região.

A produção industrial aumentou 4,0% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro (-0,7%), segundo dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. Houve aumento na produção de catorze das dezoito atividades pesquisadas, com destaque para a fabricação de veículos automotores e de produtos de fumo. Os empresários industriais da região mantiveram-se otimistas no primeiro trimestre, tendo o Ipei atingido 53,9 pontos no período, 2,4 pontos e 16,8 pontos a mais em relação ao trimestre anterior e a igual período do ano passado (o indicador varia de 0 a 100).

O comércio internacional da região, no primeiro trimestre de 2017, alcançou *superavit* de US\$1,5 bilhão, 21,8% superior ao resultado do mesmo período de 2016. Houve incrementos de 19,1% nas exportações (10,7% nos preços e 7,6% em quantidade), destacando-se os embarques de carne de frango, soja, automóveis e carne suína; e de 18,6% nas importações (15,4% no *quantum* e 2,8% em preços), com ênfase nas aquisições de óleos combustíveis, partes e peças para veículos, naftas e adubos e fertilizantes.

Na esfera fiscal, o *superavit* primário dos governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sul totalizou R\$1,5 bilhão em 2016, ante *superavit* de R\$953 milhões em 2015. Considerando a apropriação de R\$10,4 bilhões em juros, o resultado nominal foi deficitário em R\$8,9 bilhões e a dívida regional atingiu R\$106,0 bilhões ao final de 2016. Nesse ano, a arrecadação de ICMS e as transferências da União somaram R\$73,8 bilhões e R\$24,1 bilhões, com variações reais de -1,6% e 3,2%, relativamente a 2015.<sup>2</sup>

A variação do IPCA<sup>3</sup> na região atingiu 0,84% no primeiro trimestre de 2017, ante 0,44% no último trimestre de 2016. Essa trajetória foi condicionada pelos preços monitorados que aumentaram 1,52% (principalmente ônibus urbano, 10,37%, e energia elétrica residencial, 4,55%), após recuo de 0,60% no último trimestre de 2016. Os preços livres apresen-

**Tabela 5.5 – IPCA – Sul**

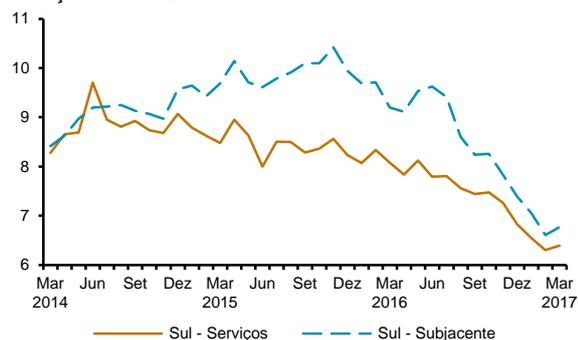
Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período				
		2016		2017		
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri	
IPCA	100,0	1,67	0,82	0,44	0,84	
Livres	76,4	1,88	0,93	0,76	0,63	
Comercializáveis	37,1	2,11	0,77	0,26	0,23	
Não comercializáveis	39,3	1,66	1,08	1,24	1,00	
Monitorados	23,6	1,02	0,47	-0,60	1,52	
<b>Principais itens</b>						
Alimentação	25,7	2,75	0,64	0,13	0,62	
Habitação	15,1	0,14	0,17	-1,30	1,47	
Artigos de residência	4,4	0,64	0,04	-0,24	-0,06	
Vestuário	6,5	2,28	0,23	1,24	-1,25	
Transportes	18,6	-0,41	1,63	1,03	-0,66	
Saúde	11,6	4,98	0,80	1,23	2,39	
Despesas pessoais	10,4	1,88	1,22	1,87	1,25	
Educação	4,2	0,48	2,25	0,15	5,98	
Comunicação	3,5	2,22	0,21	0,14	0,58	

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2017.

**Gráfico 5.6 - Inflação de Serviços - Sul**

Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE

taram variação menor, 0,63% ante 0,76%, influenciados pela redução de preços em passagens aéreas, frutas e vestuário. A inflação de serviços também arrefeceu no trimestre, mantendo a tendência delimitada desde o segundo semestre de 2015. O índice de difusão, evidenciando robustez do processo desinflacionário, atingiu 53,3% no período, ante 53,8% no trimestre anterior e 70,6% no primeiro trimestre de 2016.

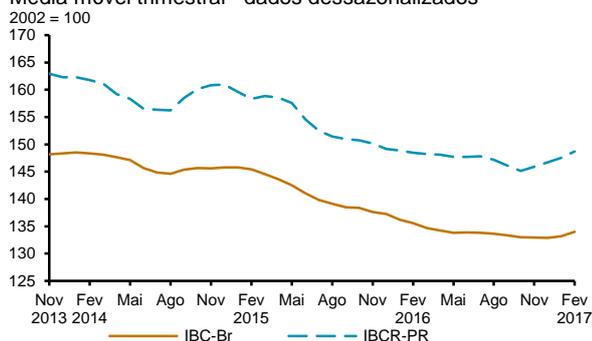
O IPCA acumulou variação de 3,81% em doze meses até março, após elevar-se em 5,74% em 2016, repercutindo desacelerações dos preços monitorados, de 3,52% para 2,42%, e dos preços livres, de 6,44% para 4,25%. Considerando os mesmos períodos, a inflação de serviços em doze meses arrefeceu de 6,83% para 6,39%, e a respectiva inflação subjacente, de 7,39% para 6,77%.

Prospectivamente, mantém-se a estimativa de retomada gradual da economia da região, que deverá ser favorecida, em termos gerais, pelo processo desinflacionário em curso, pelo menor custo do crédito e pelos impactos sobre a renda disponível e o varejo, decorrentes da liberação de recursos de contas inativas do FGTS, e, em particular, pela ampliação da safra agrícola e de seu efeito indutor de dinamismo da economia do Sul.

## 5.1 – Paraná

**Gráfico 5.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná**

Média móvel trimestral - dados dessazonalizados



**Tabela 5.1.1 – Índice de vendas no varejo – Paraná**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2016 Ano	2017		
		Nov <sup>1/</sup>	Fev <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	-5,2	-0,4	1,1	-3,9
Combustíveis e lubrificantes	-9,2	-2,0	10,9	-6,8
Hiper e supermercados	-1,8	0,3	-0,4	-0,9
Tecidos, vestuário e calçados	-6,2	-4,7	1,5	-4,4
Móveis e eletrodomésticos	-12,2	-3,5	0,3	-10,8
Comércio ampliado	-6,2	-1,4	1,9	-4,7
Automóveis e motocicletas	-6,3	-3,6	-4,0	-6,1
Material de construção	-10,3	-2,0	9,9	-7,4

Fonte: IBGE

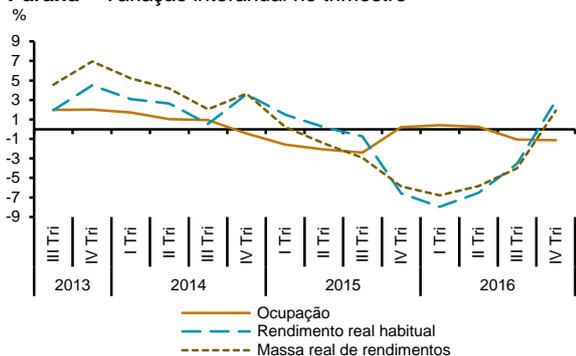
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB estadual recuou 2,4% em 2016, segundo estimativa do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), inferior à contração da economia nacional, refletindo retrações de 3,1% na agropecuária e de 2,3% na indústria e nos serviços. Indicadores de maior frequência apontam recuperação da atividade econômica na margem. Nesse contexto, o desempenho positivo do setor industrial e da agricultura favoreceu o IBCR-PR, que expandiu 1,9% no trimestre finalizado em fevereiro, em relação ao encerrado em novembro, quando decrescera 0,9%, de acordo com os dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, a trajetória ainda é de diminuição da retração, de -4,6% até novembro para -3,0% até fevereiro.

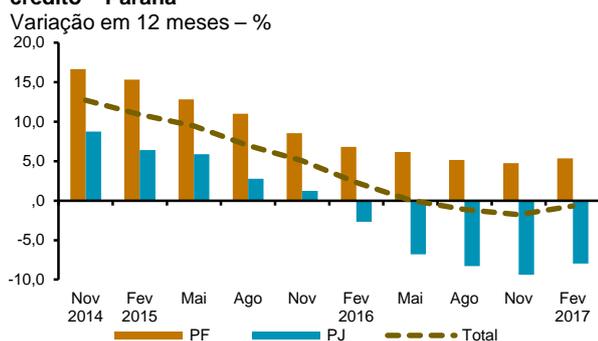
Os indicadores de demanda apresentaram alguma melhora na margem e diminuição na velocidade de retração em prazo mais alongado. O volume de vendas do comércio ampliado cresceu 1,9% no trimestre até fevereiro, comparativamente ao finalizado em novembro, quando retraíra 1,4%, dados dessazonalizados da PMC. Destacaram-se as vendas de material de construção (9,9%) e de combustíveis e lubrificantes (10,9%). Excluídos os segmentos veículos, motos, partes e peças (-4,0%), e material de construção, as vendas do comércio varejista também expandiram, 1,1% (-0,4% no período anterior). O volume de serviços não financeiros aumentou 5,1% no trimestre em análise, após retração de 2,8% naquele finalizado em novembro, na série dessazonalizada da PMS, repercutindo especialmente serviços de transporte, 6,4%, impactado pela maior colheita agrícola.

A confiança das famílias segue em elevação gradual. O ICF em Curitiba alcançou 95,0 pontos em março, ante 94,8 pontos em dezembro, sendo que os consumidores reportaram alguma melhora na renda familiar e nas condições de crédito. De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), o percentual de famílias endividadas reduziu de 87,7% para 86,3% entre o quarto trimestre de 2016 e o primeiro de 2017, enquanto o daquelas com contas em atraso superior a noventa dias elevou-se de 47,2% para 52,0%, na ordem. A desalavancagem das famílias tende a prosseguir, pois a liberação dos saques de contas inativas do FGTS deverá contribuir para a liquidação

**Gráfico 5.1.2 – Ocupação, rendimento e massa no Paraná – Variação interanual no trimestre**



**Gráfico 5.1.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná<sup>1/</sup>**



**Tabela 5.1.2 – Produção industrial – Paraná**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2016		2017
		Nov <sup>2/</sup>	Fev <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,2	4,1	-2,3
Produtos alimentícios	22,7	3,6	3,7	6,2
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	-1,7	4,9	-17,9
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	-1,5	16,4	0,2
Máquinas e equipamentos	6,7	4,5	0,2	22,3
Celulose e prod. papel	5,5	-4,8	-1,3	-1,2
Outros produtos químicos	4,7	-5,4	-2,3	-8,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

de dívidas e os consumidores têm demonstrado cautela com a aquisição de bens duráveis.

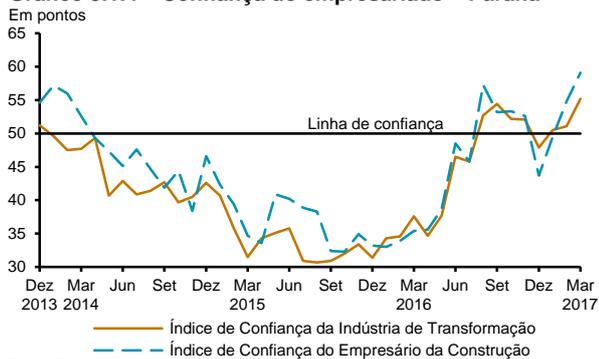
As condições de demanda refletem parcialmente o arrefecimento do processo de distensão do mercado de trabalho, que eliminou 15,5 mil postos de trabalho formais no trimestre encerrado em fevereiro, ante 46,1 mil em igual período de 2016 (Caged/MT). Nesse cenário, a taxa de desocupação atingiu 8,1% no quarto trimestre do ano (5,8% em igual período do ano anterior), o rendimento médio habitual real aumentou 2,9% e a massa salarial real 1,9%, na mesma base de comparação, de acordo com a PNADC.

O dinamismo do mercado de crédito segue influenciado pelo processo de recuperação das finanças das famílias e desalavancagem do segmento empresarial. Nesse contexto, o saldo das operações superiores a R\$1 mil realizadas no Paraná aumentou 0,9% no trimestre, favorecido pelas contratações da carteira de pessoas físicas, com crescimento de 2,2% no período, especialmente nas modalidades enquadradas como recursos direcionados (financiamento rural e financiamento com recursos do BNDES). A carteira de pessoas jurídicas recuou 0,7%, condicionada pelas modalidades financiamento com recursos do BNDES e capital de giro. A taxa de inadimplência aumentou 0,10 p.p., para 3,21%, no trimestre, destacando-se a elevação de 0,27 p.p. no segmento de pessoas jurídicas.

Os desembolsos com recursos do BNDES para o Paraná recuaram 33,2% no primeiro bimestre de 2017 e 2,3% no intervalo de doze meses até fevereiro, em relação a iguais períodos de 2016.

Analisando-se os indicadores de oferta, houve melhora significativa na margem.

A produção industrial expandiu 4,1% no trimestre encerrado em fevereiro, ante recuo de 1,2% no finalizado em novembro, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF, destacando-se as expansões em veículos automotores, reboques e carrocerias (16,4%), derivados de petróleo e biocombustíveis (4,9%) e produtos alimentícios (3,7%). Assinale-se que o aumento do volume produzido pelos diversos segmentos foi mais disseminado na margem, de três para nove, dentre os treze pesquisados.

**Gráfico 5.1.4 – Confiança do empresariado – Paraná****Tabela 5.1.3 – Produção agrícola – Paraná**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2017/2016
		2016	2017	
Em mil toneladas				
Grãos <sup>3/</sup>	76,2	35 032	42 184	20,4
Soja	49,1	16 824	19 235	14,3
Milho	16,5	13 724	18 275	33,2
Trigo	5,8	3 384	3 295	-2,6
Feijão	4,1	600	789	31,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	7,7	49 741	51 024	2,6
Fumo	3,4	148	184	24,3
Batata-inglesa	2,7	777	916	18,0
Mandioca	2,5	3 744	2 763	-26,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2017.

3/ Cereais, leguminosas e oleaginosas.

**Tabela 5.1.4 – Comércio Exterior - Paraná**

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2016	2017	Var. %	Var. %
Exportações	3 364	3 982	18,4	24,4
Básicos	1 854	2 026	9,3	39,0
Manufaturados	1 510	1 956	29,5	11,6
Importações	2 436	2 806	15,2	12,0
Bens de capital	406	318	-21,8	-20,0
Bens Intermediários	1 568	1 793	14,3	20,0
Bens de consumo	263	276	5,0	2,6
Combustíveis e lubrificantes	198	419	111,7	24,8
Saldo Comercial	929	1 177	26,7	18,9

Fonte: MDIC/Secex

Na mesma tendência, o Índice de Confiança da Indústria de Transformação - Paraná (ICIT-PR) e o Índice de Confiança do Empresário da Construção - Paraná (ICEC-PR) registraram, na ordem, 55,2 pontos e 59,1 pontos em março (47,9 e 43,7 pontos em dezembro), permanecendo na área de otimismo, respectivamente, por três e dois meses consecutivos.

A produção de grãos, atividade importante na economia do estado, deverá expandir 20,4% em 2017, de acordo com o LSPA do IBGE, ressaltando-se aumentos nas colheitas de soja (14,3%), milho (33,2%) e feijão (31,5%); e diminuição marginal na de trigo (-2,6%). O valor bruto da produção (VBP), conforme estimativa de março do Mapa, deverá crescer 8,4% no ano, em termos reais, com a redução dos preços compensando, parcialmente, o aumento na quantidade produzida.

A retomada gradual da atividade impactou a evolução da balança comercial do Paraná, que registrou *superavit* de US\$1.177 milhões no primeiro trimestre de 2017 (US\$929 milhões no mesmo período de 2016), reflexo de variações de 18,4% nas exportações (5,7% no *quantum* e 13,7% nos preços) e de 15,2% nas importações (15,1% no *quantum* e 0,2% nos preços), com destaque para os aumentos nas vendas de soja (20,6%) e automóveis (126,7%), e nas compras de óleo combustíveis (280,1%) e bens intermediários (14,3%). China, Estados Unidos da América (EUA) e Argentina foram os principais parceiros comerciais do estado, ressaltando-se o crescimento nas vendas de soja para a China e nas aquisições de óleo diesel dos EUA.

O desempenho recente do IPCA da região metropolitana de Curitiba seguiu a tendência sazonal com variação de 1,02% no primeiro trimestre (0,28% no último de 2016), aceleração decorrente, em especial, da reversão na variação dos preços monitorados (de -0,09% para 3,05%), reflexo do aumento nas tarifas de ônibus urbano (20,40%), produtos farmacêuticos (5,58%) e energia elétrica (4,80%). Os preços livres registraram leve aceleração no trimestre (0,39% para 0,43%). O índice de difusão reduziu sua média para 50,8% no trimestre, de 62,3% em igual período de 2016.

Ainda que a inflação trimestral tenha acelerado, a variação acumulada em doze meses recuou para 3,31% em março (4,45% em 2016), confirmando o processo de desinflação. Considerado o período de

**Tabela 5.1.5 – IPCA – RMC**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2016		2017	
		Ano	IV Tri	I Tri	12meses
IPCA	100,0	4,45	0,28	1,02	3,31
Alimentação	24,4	7,56	-0,51	-0,20	2,83
Habitação	16,3	-2,03	0,05	1,25	0,04
Artigos de residência	4,2	-0,18	-1,12	0,06	-2,14
Vestuário	6,9	3,42	-0,12	0,01	2,31
Transportes	19,5	3,79	0,58	0,90	2,84
Saúde	11,8	8,43	1,15	2,87	9,16
Despesas pessoais	10,1	7,08	2,02	1,47	5,99
Educação	3,6	10,16	0,14	5,52	7,95
Comunicação	3,3	1,17	0,09	0,42	2,63

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2017.

doze meses, a variação dos preços de serviços, em movimento semelhante à média nacional, atingiu 6,09% na mesma base de análise, enquanto a inflação subjacente de serviços diminuiu para 6,20% (6,41% em 2016).

As perspectivas para a economia paranaense são favoráveis, ancoradas na projeção de safra agrícola recorde, com desdobramentos positivos, nos próximos trimestres, sobre os setores industrial e de serviços e, na sequência, no mercado de trabalho e na renda.

## 5.2 – Rio Grande do Sul

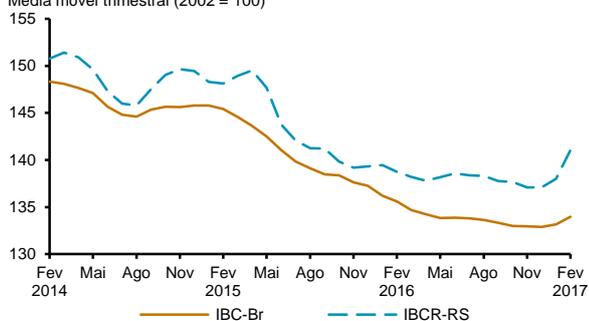
**Tabela 5.2.1 – Variação anual do PIB e VAB do Rio Grande do Sul**

Discriminação	2015	2016
<b>PIB</b>	<b>-3,4</b>	<b>-3,1</b>
VAB	-2,7	-2,7
Agropecuária	12,0	-4,5
Indústria	-11,0	-3,9
Serviços	-1,8	-2,1
Impostos	-7,8	-5,5

Fonte: FEE

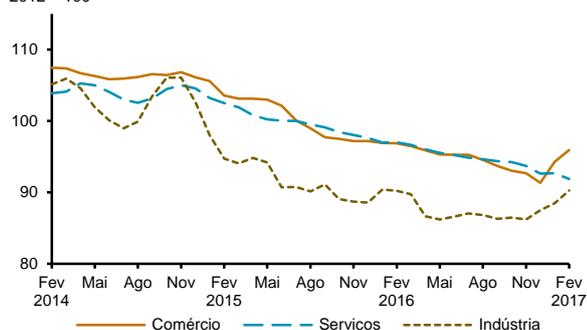
**Gráfico 5.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul**

Dados dessazonalizados  
Média móvel trimestral (2002 = 100)



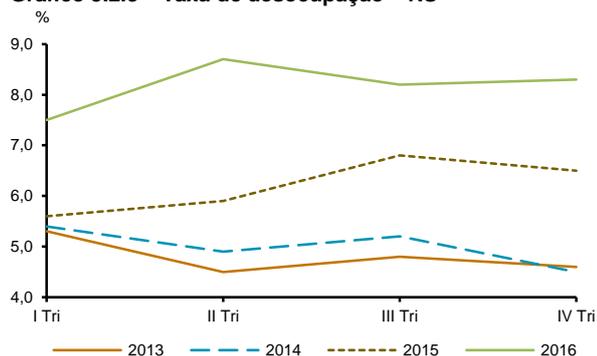
**Gráfico 5.2.2 – Comércio, serviços e indústria - RS**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2012 = 100



Fonte: IBGE

**Gráfico 5.2.3 – Taxa de desocupação – RS**



Fonte: IBGE (PNADC)

O PIB do estado contraiu 3,1% em 2016, segundo a Fundação de Economia e Estatística (FEE), repercutindo retrações de 2,1% nos serviços, de 4,5% na agropecuária e de 3,9% na indústria, segmento que, apesar de se constituir na principal contribuição para recuo do produto, atuou menos intensamente do que no ano anterior (-11,0%). Indicadores mais recentes apontam possível reversão da tendência de declínio, com retomada da atividade econômica na margem. Nesse contexto, o IBCR-RS cresceu 2,9% no trimestre finalizado em fevereiro, na comparação com o encerrado em novembro, quando recuara 0,9%, dados dessazonalizados, estimulado pela expansão da produção industrial e agrícola.

Os indicadores de demanda ainda mostram sinais contraditórios e elevada volatilidade. As vendas do comércio ampliado aumentaram 8,9% no trimestre encerrado em fevereiro, em relação ao terminado em novembro, quando recuaram 3,9%, neste tipo de comparação. Destacaram-se as maiores vendas de tecidos, vestuário e calçados, e de veículos. Excluídos esse segmento e o de material de construção, o varejo restrito cresceu 3,5% no trimestre na margem. Em contrapartida, o volume de serviços não financeiros segue declinante, diminuindo 2,0% no trimestre finalizado em fevereiro, após contrair 1,0% no trimestre anterior, segundo dados da PMS do IBGE.

O indicador do endividamento, de acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência das Famílias Gaúchas, apontou elevado percentual de famílias endividadas e com contas em atraso, com pequeno aumento na margem, tendo passado de 68,0% para 69,0% e de 28,5% para 29,2% em dezembro e em março, na ordem. Nesse contexto, os empresários do comércio mostraram-se menos confiantes - o Icec médio totalizou 93,3 pontos em março, ante 95,8 pontos em dezembro (100 pontos indicam neutralidade). Essa deterioração resultou, principalmente, do desempenho do componente que avalia as perspectivas de contratação.

O mercado de trabalho do estado apresentou redução no ritmo das demissões, compatível com possível esgotamento de seu processo de distensão. Assim, de acordo com estatísticas do Caged/MT, foram eliminadas 10 mil vagas no trimestre encerrado em fevereiro (inferior às 21 mil vagas extintas

em igual trimestre de 2016), destacando-se as demissões em serviços de transporte e ensino, e as contratações na agropecuária e nas indústrias de calçados e da borracha, fumo e couro. No entanto, no quarto trimestre de 2016, a taxa de desocupação atingiu 8,3%, de acordo com a PNADC do IBGE, ante 8,2% no anterior, variação decorrente de crescimento da população ocupada e da PEA, que se refletiram na estabilização da massa de rendimentos e no recuo do rendimento médio na margem.

Nesse cenário, o ICF, divulgado pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), manteve-se na zona que denota falta de confiança (abaixo de 100 pontos), totalizando 65,5 pontos no trimestre findo em março, ainda que acima dos 63,3 pontos registrados no quarto trimestre de 2016.

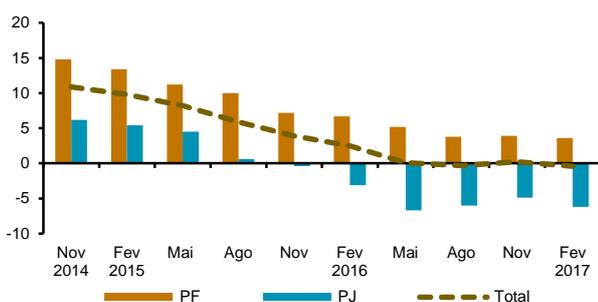
O mercado de crédito segue com pouco dinamismo, condicionado principalmente pelo segmento de pessoas jurídicas. Após expansão na margem no trimestre até novembro, as operações de crédito superiores a R\$1 mil recuaram 0,2% no finalizado em fevereiro e 0,4% em doze meses. No trimestre, a carteira de pessoas físicas aumentou 1,2%, com destaque para os financiamentos imobiliários e crédito consignado, enquanto a de pessoas jurídicas retraiu 2,5%, com redução nos saldos das operações com indústria metalúrgica e outras indústrias. A inadimplência das operações de crédito manteve mesmo percentual do trimestre anterior, 3,4%, com elevação de 0,1 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e estabilidade no de pessoas físicas.

Os desembolsos com recursos do BNDES diminuíram 50,6% nos dois primeiros meses do ano e 28,7% em doze meses até fevereiro, na comparação com iguais períodos de 2016.

No âmbito da oferta, a produção industrial reagiu no curto prazo, expandindo 4,7% no trimestre até fevereiro, ante o trimestre até novembro, quando recuara 0,7%, conforme a PIM-PF Regional do IBGE. Esse desempenho foi beneficiado pela fabricação de produtos de fumo e de borracha e plástico. Não obstante a elevada ociosidade do setor, cujo Nuci dessazonalizado atingiu média de 78,4% no trimestre até fevereiro, os empresários mantiveram avaliação otimista pelo quarto trimestre em sequência - o Icei atingiu 55,1 pontos no trimestre de janeiro a março, ante 39,1 pontos e 52,5 pontos nos trimestres findos em março e dezembro de 2016,

**Gráfico 5.2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio Grande do Sul<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

**Tabela 5.2.2 – Produção industrial – Rio Grande do Sul**  
 Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2016	2017	
		Nov <sup>2/</sup>	Fev <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,7	4,7	-3,5
Produtos alimentícios	16,4	-3,0	2,0	-0,5
Veículos, reboques e carrocerias	13,8	-10,0	-0,2	-3,6
Máquinas e equipamentos	12,0	-0,2	-0,1	-0,3
Outros produtos químicos	10,3	1,5	-1,2	-1,3
Artef. couro e calçados	8,9	-4,2	3,8	-0,8
Produtos de metal	8,5	2,0	2,7	-4,5
Produtos de borracha e plástico	5,0	-8,9	11,7	-5,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 5.2.3 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2016	2017	
Grãos	75,7	31 910	34 112	6,9
Soja	47,2	16 206	17 262	6,5
Arroz	18,5	7 493	8 540	14,0
Milho	6,6	4 730	5 857	23,8
Trigo	2,1	2 540	1 736	-31,7
Feijão	0,7	88	114	29,5
Outras lavouras				
Fumo	8,9	325	415	27,7
Mandioca	3,3	1 108	1 071	-3,3
Uva	2,4	414	890	115,0
Maçã	1,7	485	547	12,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de março de 2017.

**Tabela 5.2.4 – Exportações por principais setores do Rio Grande do Sul: Janeiro-março**

Discriminação	US\$ milhões		
	Valor		Var. %
	2016	2017	
Agricultura e pecuária	274	547	99,6
Indústria de transformação <sup>1/</sup>	2 529	2 763	9,3
Alimentos e bebidas	703	811	15,4
Produtos químicos	411	458	11,4
Veículos	163	282	73,0
Calçados e couros	237	235	-0,8
Máquinas e equipamentos	157	210	33,8
Fumo	286	178	-37,8
Celulose, papel e prod de papel	181	126	-30,4
Produtos de metal	75	116	54,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Itens selecionados.

**Tabela 5.2.5 – IPCA – RMPA**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2016		2017	
		II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri
IPCA	100,0	1,85	1,13	0,58	0,66
Livres	76,0	2,08	0,92	1,11	0,81
Comercializáveis	37,4	2,75	0,54	0,46	0,37
Não comercializáveis	38,6	1,44	1,29	1,74	1,23
Monitorados	24,0	1,12	1,82	-1,05	0,19
Principais itens					
Alimentação	27,2	2,83	0,43	0,67	1,31
Habitação	14,0	-0,20	2,20	-2,72	1,70
Artigos de residência	4,6	2,07	0,16	0,52	-0,15
Vestuário	6,2	2,97	-0,33	2,69	-2,54
Transportes	17,9	-0,26	1,35	1,48	-2,21
Saúde	11,4	4,97	1,64	1,30	1,93
Despesas pessoais	10,6	2,15	1,61	1,73	1,05
Educação	4,5	0,55	2,58	0,15	6,30
Comunicação	3,6	2,57	0,14	0,18	0,71

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2017.

com destaque para a evolução do componente que avalia as expectativas para os próximos seis meses.

A produção agrícola gaúcha, relevante para a retomada do dinamismo da economia, refletiu condições climáticas favoráveis e está estimada em 34,1 milhões de toneladas em 2017 (14,8% da produção nacional), de acordo com o LSPA de março, elevando-se 6,9% no ano, com destaque para os aumentos nas produções de soja, milho e arroz. O efeito sobre os preços internacionais da grande produção global limitou o aumento do VBP real dos principais produtos agrícolas gaúchos, que deverá alcançar 2,1% em 2017, conforme previsão de março do Mapa.

Ainda assim, o *superavit* da balança comercial do estado aumentou 16,2% no primeiro trimestre de 2017, em relação ao mesmo período de 2016. Houve acréscimos de 18,1% nas exportações (8,5% em volume e 8,9% em preços) e de 19,3% nas importações (15,3% em volume e 3,4% em preços). Destacaram-se os incrementos nas vendas de soja, carne de frango e automóveis e, em relação às compras internacionais, de naftas e automóveis.

O IPCA da região metropolitana de Porto Alegre apresentou leve alta, variando 0,66% no primeiro trimestre do ano, ante 0,58% no último de 2016. Esta trajetória refletiu, em especial, aceleração nos monitorados, de -1,05% para 0,19%, ante o arrefecimento nos preços livres, de 1,11% para 0,81%. A inflação de serviços aumentou de 1,47% para 2,01%, superior à inflação subjacente no setor, que passou de 1,37% para 1,42%. O índice de difusão permaneceu em 52,2%, mesmo percentual do último trimestre de 2016, ante 69,8% em igual intervalo de 2016.

O IPCA da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) acumulou alta de 4,29% em doze meses até março, ante 6,95% em 2016, combinando expressivas desacelerações nos preços monitorados, de 5,51% para 2,08%, e nos preços livres, de 7,41% para 5,00%. A inflação subjacente no setor de serviços também mostrou reação, embora menor, e atingiu 6,06% (6,95% em 2016).

As perspectivas de crescimento para a economia gaúcha nos próximos trimestres fundamentam-se, além da manutenção de perspectivas favoráveis para a atividade agrícola – com desdobramentos

positivos sobre a produção industrial –, nos impactos favoráveis do recuo da inflação e do custo do crédito sobre a atividade, e na repercussão sobre o varejo dos recursos advindos das contas inativas do FGTS. Especificamente para o setor industrial, as perspectivas de investimentos em 2017 tendem a ser limitadas pela elevada ociosidade da capacidade instalada da indústria gaúcha, avaliada como suficiente para fazer frente à demanda no curto e médio prazo.